

Singularidades institucionais

(Reflexões a partir de fragmentos do material de pesquisa)

Zaia Brandão

O desenvolvimento nas últimas décadas da avaliação dos sistemas escolares entre nós tem suscitado um amplo debate sobre as variáveis associadas às diferenças de desempenho. O SOCED, através de seu programa de pesquisas, está investindo em um recorte ainda pouco explorado pela sociologia da educação: como instituições com estilos e *climas escolares*¹ diferenciados produzem ambientes favoráveis ao desempenho dos alunos².

O tema sobre os processos de produção do sucesso/fracasso escolar no Brasil tem sido abordado principalmente pela análise das trajetórias escolares. Pode-se dizer ainda que, entre as abordagens de caráter mais fenomenológico (representações e práticas dos atores sociais com base em depoimentos e entrevistas) e as abordagens macro-sociais - avaliação de coortes de idades, fluxos de estudantes por sexo, cor ou segmentos (fundamental, médio, superior) - há como que um vácuo empírico, preenchido mais por inferências residuais derivadas dessas perspectivas, do que por análises ancoradas em material empírico específico.

¹O clima escolar resulta de uma configuração particular de fatores, nem sempre os mesmos, que se exprimem em um conjunto de modos de funcionamento e de práticas pedagógicas relacionadas ao nível escolar médio e à tonalidade dominante do seu público. Muitas têm sido as estratégias metodológicas empregadas para elaborar constructos de variáveis indicadoras do clima escolar (Duru-Bellat, Van Zanten: 1998, p.115), entretanto a complexidade desta configuração extrapola sempre a simples agregação de fatores.

² Cousin (1998) cujo trabalho sobre os efeitos-estabelecimentos é referência obrigatória sobre a matéria, assinalou a necessidade de estudos comparativos entre estabelecimentos semelhantes (p.140) A pesquisa do SOCED ao cotejar as especificidades das três escolas, procurou contrastá-las com os resultados do *survey*, cujas primeiras interpretações ressaltaram os aspectos comuns dos nove estabelecimentos investigados. Consultar a respeito: Brandão, Z. A produção das elites escolares. In: *Educação Online*, n. 2, Departamento de Educação, PUC-Rio http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/db2www/PRG_1188.D2W/INPUT?CdLinPrg=pt.

Na tentativa de fazer a ponte entre estas duas abordagens, procuramos focalizar o tema a partir de dois ângulos: da perspectiva dos dados produzidos pelo *survey* SOCED em nove escolas de alto prestígio da cidade do Rio de Janeiro, e do material empírico derivado de um trabalho de campo desenvolvido, durante o ano de 2006, em três daquelas escolas. O objetivo deste texto é oferecer ao leitor alguns *flashes*, com base no material empírico da pesquisa derivado do trabalho de campo nestas últimas escolas.

No retorno ao campo³ procuramos observar o cotidiano escolar em diferentes momentos e espaços - das aulas e eventos às bibliotecas, recreios etc. A partir das observações dos contextos institucionais, em suas dimensões materiais e simbólicas, procuramos traçar um primeiro esboço das características singulares destas instituições na produção de redes de interações (verticais e horizontais) e ambiente social, cujos efeitos sobre a socialização escolar são considerados bem sucedidos.

Operamos assim com um jogo de escalas (Revel:1998) que busca combinar um olhar mais geral (*survey/SOCED*) com outro mais próximo (trabalho de campo) procurando ampliar o *corpus* da pesquisa visando o aprofundamento da investigação. Este trânsito de escalas, permite obter elementos para formular diferentes hipóteses a partir dos dois *corpus* de dados.

A escola é concebida como uma organização social que, enquanto tal, tem um funcionamento específico, desenvolve um sistema particular de relações entre os atores, define o seu próprio conjunto de papéis, normas avaliações e expectativas em relação aos alunos (Bressoux: 2003, p.195).

Um primeiro momento de exploração do material empírico construído a partir do *survey* SOCED (alunos, pais e professores) levou-nos a destacar características relativamente homogêneas, quer do público que atendem (alunos e

³ Iniciamos este programa de investigações com um trabalho de campo em uma importante escola confessional.

famílias) quer do corpo docente dessas escolas.⁴ A homogeneidade construída pelo olhar guiado por questões mais gerais (perfis sócio-demográficos dos alunos, famílias e professores, clima escolar, consumos culturais etc.) passou a ser contrastada com as observações de campo, que *de perto e de dentro*⁵ sublinhavam aspectos singulares das instituições.

Conforme havíamos definido, no momento de negociação do trabalho de pesquisa nas instituições, encaminhamos a todas as escolas investigadas um quadro, com os resultados do *survey*, cotejando cada uma delas com as características do conjunto das outras oito escolas e, dois textos com uma primeira interpretação dos dados. Propusemos debater o resultado com as instituições, ficando a critério das mesmas a definição do grupo e da data para o debate. Duas delas responderam rapidamente ao nosso convite, o que nos possibilitou revisitar nossas interpretações à luz das interpretações dos agentes institucionais⁶. Nas demais, as reações foram variadas: algumas indicaram problemas de agenda e ficaram de nos propor uma alternativa para o debate com as equipes institucionais mais adiante; uma delas deu-nos um retorno, de caráter individual (da diretora da instituição), evidenciando uma leitura interessada e complementando as interpretações da equipe do SOCED no sentido de destacar a singularidade e qualidade da sua instituição; também alegou problemas de agenda e postergou o encontro com a equipe institucional. Em um dos casos, foi necessário reenviar todo o material, pois ao início dos contatos para a realização do trabalho de campo (2006) verificamos que os coordenadores pedagógicos desconheciam a existência do material encaminhado à instituição.

⁴ Ver a respeito Brandão, Zaia; Mandelert, Diana; De Paula, Lucilia. *A Circularidade Virtuosa: investigação sobre duas escolas no Rio de Janeiro*. Cadernos de Pesquisa, set./dez. 2005, v.35, n.126, p.747-758.

⁵ Cf, MAGNANI, Jose Guilherme Cantor . De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

⁶ Um primeiro debate aconteceu dois anos antes na escola confessional que, com uma bilíngüe, fez parte da primeira aplicação do *survey* (2002)

A pesquisa empírica só tem sentido se admitirmos de antemão que a realidade é mais complexa que a teoria, o que implica, necessariamente, que o trabalho de campo faça surgir novas questões não contempladas no corpus abstracto geral (João Teixeira Lopes: 1997, p. 91).

As diferentes reações à nossa proposta de discussão dos resultados preliminares da pesquisa, e o retorno ao campo, em três escolas, ofereceu-nos uma primeira imagem das singularidades institucionais que será o objeto de análise deste texto. Nas primeiras análises dos dados derivados do *survey*, já havíamos levantado alguns pontos que assinalavam especificidades das diferentes escolas⁷.

O trabalho de campo, porque oferece uma outra escala de observação, permite preservar o caráter histórico e complexo dos fenômenos (em nosso caso, os processos - singulares - de produção de qualidade de ensino) situando-os no contexto de vida real. Apesar de os limites entre o fenômeno e o contexto nem sempre encontrarem-se evidentes, a permanência no campo por quase um ano, permitiu-nos o acesso a múltiplas fontes de informações (documentos, agentes, fontes iconográficas, situações-problema etc.) que ampliaram decisivamente as possibilidades de enquadramentos contextuais para a construção de hipóteses interpretativas.

Procuramos delinear os organogramas reais traçados a partir do fluxo das ações dos agentes institucionais, registrando as características das lideranças, dos estilos de gestão, do clima escolar, das práticas escolares, assim como a utilização de espaços específicos - bibliotecas, laboratórios, salas ambientes, auditório, etc. As relações inter-institucionais, os trabalhos sociais, as atividades extracurriculares, e as estratégias de divulgação da imagem institucional (nas

⁷ Alguns exemplos: no interior da dupla de confessionais: pais casados ou união consensual: escola1 - 84,4% x escola2 - 66,7%; Divorciados: Escola1 - 4,6% x escola2 28,1%; no interior da dupla de pública: curso de mais alta titulação do pai, Ensino Médio: escola1 - 18,2% x escola2 - 31,1%; Curso de mais alta titulação da mãe, Ensino Médio: escola1 - 9,4% x escola2 - : 26,2%; no interior da dupla de "alternativas": Participação do pai na vida escola na opção auxilia integralmente na escolarização: escola1 - 14,3% x escola2: 35% ; Você conhece os colegas de escola de seu filho, sim: escola1 - 63,6% x escola2 - 36,4%.

páginas das escolas na Internet, em folhetos, na mídia...) etc. são outros elementos que constituirão o *corpus* da investigação do SOCED.

Desde os primeiros contatos com as direções das nove escolas, para apresentar a proposta de pesquisa e solicitar a autorização para a realização do *survey*, começávamos - com as observações do ambiente e através das interações das interações da equipe da pesquisa com os agentes escolares - o nosso trabalho de campo.

De uma forma geral, as escolas que procuramos receberam bem a nossa proposta. Fizemos onze contatos e, em apenas um dos casos, ficou evidente, pela atitude da diretora que nos recebeu, que não haveria negociação possível. Em uma outra escola, apesar da abertura inicial do antigo diretor, a sobrecarga de trabalho da equipe do SOCED e a localização da escola (Barra da Tijuca)⁸ levou-nos a deixar para um outro momento, a possibilidade de incluí-la em nossa amostra.

As negociações para o trabalho de campo, novamente exigiram inúmeras voltas às escolas para a definição do escopo do trabalho e delimitação das condições institucionais para o seu desenvolvimento.

O fato da coordenação do SOCED ter uma razoável visibilidade no campo escolar, e de sermos uma equipe da PUC-Rio, instituição com forte credibilidade acadêmica, parece ter favorecido a nossa entrada nas escolas. Entretanto, na maioria dos casos foram necessárias várias idas às escolas para esclarecimentos sobre o projeto e definição das condições do desenvolvimento do *survey*. Este foi desenvolvido em duas etapas - na primeira, em duas escolas e na segunda, nas outras sete. Entre as duas aplicações fizemos um intervalo de cerca de dois anos.

⁸ Uma pesquisa anterior de um membro da equipe do SOCED (Marzocchi: 1999) indicou as peculiaridades de socialização dos jovens nos condomínios fechados que proliferam neste bairro, que sugeriam a necessidade de um recorte e tratamento específico.

3. De perto e de dentro⁹: as singularidades se impõem..

Neste último ano (2006) desenvolvemos o trabalho de campo em três das escolas. Duas delas haviam agendado, no final do ano anterior, a proposta da volta da equipe do SOCED para apresentação do material produzido pelo *survey*.

A primeira reunião, desenvolveu-se num clima de muita informalidade e descontração, em um ambiente muito simples. Uma sala ampla, com uma mesa (de professor) sobre a qual ficou um retro-projetor (já maltratado pelo tempo) e carteiras de braço, que foram re-arrumadas por nós e pelos professores em semicírculo. A equipe da coordenação desculpou-se pela precariedade do "auditório" e do equipamento, explicando as dificuldades da escola em obter recursos para manutenção e equipamentos. Alguns professores presentes tinham tomado conhecimento do material que enviáramos às escolas para o debate. Depois de uma apresentação inicial, lembrando os objetivos, princípios de construção dos instrumentos, sempre em diálogo com os presentes, apresentamos as tabelas com alguns dos resultados do *survey* que despertaram vivo interesse e provocaram questões e re-interpretações dos professores, evidenciando familiaridade com o mundo da pesquisa. Água, Café e um bolo, preparado por uma das coordenadoras/professora, foi partilhado com o grupo, num clima muito amistoso já próximo ao final da reunião; este momento permitiu a continuidade dos comentários sobre os achados e sobre a experiência de trabalho na escola. Ao sairmos da escola tínhamos a sensação de que a reunião fora um sucesso.

Realmente, o prédio da escola apresentava claros sinais de deterioração. A queda de parte do telhado e de uma parede da escola repercutiu fortemente na imprensa, o que provocou condições de recursos para uma obra de emergência, que acabou viabilizando a renovação e criação de laboratórios, melhoria da biblioteca, dos pátios e pintura completa do prédio. Essas obras ocorreram em

⁹ MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

pleno ano letivo de 2006 e, apesar dos transtornos, provocou um sentimento de enorme satisfação para a comunidade escolar, que vinha sofrendo a vários anos com o abandono do prédio.

A apresentação na segunda escola se deu em um pequeno auditório (entretanto muito maior do que a sala-auditório da escola pública). Um engarrafamento me havia retido e eu cheguei uns 15 minutos atrasada, o que me deixou bastante ansiosa. Ao chegar, o auditório já estava lotado. Uma porta dupla dava entrada ao espaço, tendo ao fundo uma ampla mesa sobre um tablado à frente de uma grande tela, com um operador sentado junto ao *datashow*. O cenário estava preparado para a apresentação do SOCED. Cerca de 80 professores estavam sentados em duas alas em cadeiras simetricamente dispostas no auditório. A abertura foi feita por uma professora "mestra de cerimônias" que anunciou os objetivos da reunião e a participação da equipe do SOCED e passou a palavra ao diretor principal da escola, que abriu a sessão com simpatia, mas sem conseguir quebrar o ar relativamente solene da ocasião. A "mestre de cerimônias" chamou a seguir um colega professor e informou que os dois haviam preparado um momento de descontração para aquele encontro: violão e canto bem ensaiados deram um tom agradável àquele início de manhã, mas não conseguiram quebrar o sentimento de profundo contraste com a simplicidade da reunião que tivéramos na outra escola.

Um público atento assistiu a apresentação praticamente em silêncio. Ao final da apresentação, de cerca de meia hora, inúmeras perguntas e comentários foram feitas, indicando interesse, pedidos de esclarecimentos, e adendos às interpretações do SOCED (como por exemplo, aos resultados do *survey* sobre os salários dos professores), mas sempre obedecendo à arquitetura da reunião em que o estrado e o palco mantinham a distância entre o "palestrante" e o público. Algumas das intervenções (de membros da equipe da coordenações pedagógica)

poderiam ser interpretadas como parte do "jogo" (os que *têm o que falar*, os que dão o *tom*/direção às falas).

Ao término da sessão, antes de sermos encaminhados para um lanche (ao estilo dos servidos em seminários e congressos, apenas com maior fartura)¹⁰ foi-me entregue um belíssimo ramo de rosas multicoloridas.

As duas situações de apresentação do material de pesquisa pelo SOCED podem ser vistas como expressões eloqüentes de dois estilos de gestão: numa a informalidade indicava o clima escolar de uma instituição onde o debate aberto é a tônica, e na qual a administração didático-pedagógica tem um forte componente horizontal; na outra, a formalidade assinalava a importância do planejamento, da divisão do trabalho e da otimização das ações na direção de um objetivo a ser alcançado; mas também, uma estrutura hierárquica que embora flexibilizada pelas necessidades de adaptação ao mundo dos jovens e crianças, deste início do século XXI, preserva alguns traços de uma instituição das mais tradicionais do país.

A terceira instituição escolhida para o trabalho de campo, como outras, não agendou a reunião para o debate que havíamos proposto. Dois registros, desta nova etapa do trabalho, indicam algumas dificuldades de comunicação entre pares, registrada pela equipe do SOCED. Em determinado momento do trabalho de campo, um professor indagou-nos sobre os critérios de seleção das aulas para observação; reagiu à nossa informação de que apenas três professores haviam concordado com a presença dos pesquisadores em sala de aula, afirmando que não fora consultado e não teria problema algum em ter suas aulas observadas. Este depoimento, associado ao desconhecimento, por parte dos coordenadores, do material da pesquisa do SOCED encaminhado para divulgação entre a equipe pedagógica, contrastam com a imagem de abertura e de trânsito fácil com o

¹⁰Os professores continuariam o que seria uma jornada de trabalho), (os professores continuariam o que seria uma jornada de trabalho,

mundo não escolar, que seriam características da instituição. A limitação de observação de aulas de apenas três professores causou uma certa estranheza à equipe; entretanto, o trabalho de campo nas três escolas nos permite supor que em meio ao burburinho do cotidiano escolar, determinados fluxos de informações (sobretudo externos às demandas específicas dos agentes escolares, como é o nosso caso) podem se perder ou mesmo sofrer alterações de interpretação. O ambiente desta escola¹¹ é marcado por uma linguagem visual que procura criar condições para o desenvolvimento de uma atitude crítica e atenta com questões da sociedade.

Nos corredores observamos mapas do Brasil e do mundo, quadros com animais em extinção, murais com temas culturais e políticos (um dos murais com várias fotos de Che Guevara e cartaz sobre um evento contra a tortura). Observamos também um cartaz comemorando o centenário de Mário Quintana .. Na porta dos banheiros por onde passávamos, havia desenhos dos alunos exortando ao não desperdício de água. (Diário de campo: SOCED, 2006)

Três escolas, três ambientes bastante singulares: A primeira, desde o momento do *survey*, apresentava sérios problemas de conservação no prédio cedido pelo governo fluminense. As paredes estavam descascadas em virtude da pintura completamente deteriorada, poças d'água acumulavam-se nos pátios em dias chuvosos; portas emperradas, móveis quebrados empilhados nos vãos das escadas, tudo denunciava a ausência de recursos para conservação. Em meio a este caos físico em que encontrava a escola, uma ida de um dos membros da equipe a um dos banheiros femininos, no térreo, surpreende pela limpeza, pela presença de sabonete e papel higiênico e pela partilha do espaço pelas professoras e alunas. Essa é apenas uma das primeiras impressões que indicava o compromisso e cuidado da equipe gestora da escola (eleita pelos agentes escolares) reafirmada ao longo do trabalho de campo.

¹¹ Na tipologia desenvolvida por Ballion esta escola estaria na categoria de *estabelecimentos inovadores*. Ver a respeito: Ballion, R. (1982). *Les consommateurs d'école*. Paris, Stock

A segunda escola apresenta uma situação inteiramente diferente:

... tudo é amplo, bem arejado e austero (muito concreto e paredes brancas), das janelas temos uma vista para o mar (...) A impressão é de grande organização e de um "simpático" controle. Todos parecem muito a vontade no ambiente e os alunos são chamados pelos nomes (...) o supervisor administrativo nos encontrou no saguão, antes de entrarmos na sala de coordenação. Apresentado a nós, mostrou-se muito gentil e solícito, colocando-se à disposição para o que necessitássemos. A impressão que se tem é que todo mundo está satisfeito em trabalhar na escola. A mesa da coordenadora está organizada. O ambiente todo parece ordenado, ainda que cheio de movimento, com tudo "acontecendo" (Diário de campo: SOCED, 2006).

A terceira escola, funciona em prédio adaptado em um bairro conhecido pela atração que exerce como lugar de moradia para intelectuais e artistas. Uma das entradas laterais abre-se para um pátio descoberto abrigando uma pequena fonte ladeada por *bouganvilles* floridas, num clima de residência requintada; uma passagem coberta leva ao corpo principal do prédio de onde sai uma ampla escada para o andar superior. Na sala da direção novamente vasos de flores chamam a atenção da equipe. Apesar das salas de aula no andar superior parecerem pequenas para abrigar os movimentos dos jovens das 8as séries, que responderam os questionários da pesquisa, a própria localização da escola, descortinando uma ampla e bela vista da cidade, transmite o sentimento de espaço e claridade.

Os alunos não se alteram com a minha presença. Esta sala é realmente pequena, mas é maior que a sala da outra turma. Há armários para guardar o material e por isso a sala está ordenada e com pouco material à vista. Há muitos murais com informações: palavras de ortografia difícil, mapas, figuras geométricas. Ao lado do quadro, um relógio. Parece que os alunos podem se levantar e sair a qualquer momento, sem explicações. Um deles faz isso. Controlam também o início e o fim das aulas pelo relógio e pelo sinal. Ao final da aula, saem mesmo estando o professor em sala, mas de forma tranqüila. São todos brancos, à exceção de um mulato. (Diário de campo: SOCED, 2006)

As *expressões nativas* registradas nos diários de campo, foram selecionadas pela equipe por sintetizarem aspectos marcantes do ideário de cada uma das instituições em que desenvolveu-se o trabalho de campo.

Os alunos do põem o cotovelo na mesa e estudam

Este é o traço marcante do projeto pedagógico que associa disciplina com supervisão permanente do trabalho pedagógico e do desempenho acadêmico dos alunos. Esta escola mantém uma posição de destaque entre as instituições que alcançam os melhores desempenhos nos sistemas de avaliação do Brasil. Em uma reunião de pais ficamos surpreendidos com o conhecimento das coordenadoras pedagógicas do material trabalhado em cada uma das disciplinas e turmas das 8as séries. Na mesma reunião ficou evidente o objetivo da escola de orientar a ação educativa dos pais, com recomendações sobre o controle do tempo dos filhos na internet, os horários para dormir e a atenção aos uniformes. Ao final da reunião foi anunciada a decisão de acabar com a tolerância de atraso no horário de entrada dos alunos, por terem verificado que o que deveria ser exceção estava se tornando rotineiro, em muitos casos.

No não há solidão pedagógica.

Nesta escola, uma rotina chamou-nos atenção. As questões cotidianas, por menores que aparentemente pareçam ao observador, são permanentemente submetidas ao escrutínio dos agentes educativos. Um olhar coletivo supervisiona todos os espaços e movimentos dos agentes escolares. Todos - dos professores, (estejam ou não em cargos de direção) aos mais simples dos funcionários - parecem se sentir pessoalmente responsáveis pelo funcionamento da escola e desenvolvimento dos alunos.

*Perguntei sobre o seu papel na estrutura escolar, e ela me diz que junto com a diretora do setor, ela organiza o encaminhamento dos projetos variados que são efetivamente realizados pelos diferentes setores (...)
Pergunto sobre a organização formal da escola e ela parece não ter as informações que preciso. (...) Afirma que este é um momento peculiar no qual a nova direção decide o movimento da escola junto com as novas equipes. São vários grupos e precisam se colocar diante da inúmeras possibilidades que o universo escolar apresenta... (Diário de campo: SOCED, 2006)*

Esta escola é um espaço de diálogo.

Aparentemente as relações entre as pessoas de uma forma geral (alunos, funcionários de todos os níveis, professores) é harmoniosa. Lembramos que C. nos disse na primeira visita ao colégio que praticamente todos trabalham há muitos anos na escola. Observa-se que a funcionária da recepção é serena e eficiente, os funcionários se chamam por diminutivos ou apelidos; às vezes encontramos grupos de alunos mais velhos (de ensino médio) sentados no chão perto da fonte em pequenas reuniões com um professor discutindo uma atividade, enquanto outros estavam no recreio ou em aula. Mesmo quando os funcionários precisam repreender os alunos, o fazem de bom humor e carinhosamente. (...) Observo dois cartazes muito interessantes: numa folha de cartolina, colaram um artigo de jornal no centro e logo acima questionam: "Concordou?", "Discordou?", "Escreva!." Um dos artigos era sobre bolsa-família e outro sobre um erro médico que ocasionou a morte de um paciente. Fico impressionada com a consistência da maior parte das opiniões. Já que são alunos da 3ª série do ensino fundamental (aproximadamente 9 anos). (Diário de campo: SOCED, 2006).

Estes fragmentos extraídos dos arquivos do SOCED é uma pequena amostra do potencial do material empírico que constitui o *corpus* deste programa de pesquisa. Este material produzido coletivamente faz parte do esforço da equipe em qualificar-se para trabalhar articuladamente as dimensões macro e micro sociais no campo da Sociologia da Educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRESSOUX, Pascal. As Pesquisas sobre o efeito-escola e o efeito-professor. *Educação em Revista*, Belo Horizonte: n.º38, p.17-88. dez.2003.

COUSIN, Olivier. *L'Efficacité des collèges - sociologie de l'effet établissement*. Paris: PUF, 1998.

Duru-Bellat Marie et Van Zanten Agnès. *Sociologie de l'école*, Paris: Armand Colin, 1998.

LOPES, João Teixeira. *Tristes Escolas*. Porto: Editora Afrontamento, 1997.

Revel, J. (org.). *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998.